

*Uma pequena joia no
Alto da Serra: as
primeiras sementes do
protestantismo batista
na região do ABCD
Paulista*

César Rocha Lima

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: rochalima@alumni.usp.br

RESUMO

A Convenção Batista do ABC possui, atualmente, cerca de 107 igrejas associadas. Diante dessa realidade, surge a questão: “Como e quando teriam iniciado os processos de inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista?”. O presente ensaio teve o objetivo de apresentar a Vila do Alto da Serra como o primeiro lugar da inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista, no início do século XX. Para tanto, ele se serviu da pesquisa documental: dissertações, trabalhos de conclusão de curso, livros, jornais da época e consultas aos anuários da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Como resultados, encontrou-se o início da inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista, na vila ferroviária do Alto da Serra.

PALAVRAS-CHAVE

Protestantismo batista. Alto da Serra. Pequena joia.

INTRODUÇÃO

O século XIX constituiu-se num marco para a entrada do protestantismo no Brasil. Conforme Boanerges Ribeiro (1973, p. 15), na virada desse século, não havia nenhum vestígio de protestantismo, e as tentativas já distantes dos franceses e holandeses eram identificadas como “protestantismo invasor”.

Foi somente após a vinda da família real que os protestantes começaram a entrar no Brasil. Em 1824, desembarcou o primeiro grupo no Rio de Janeiro, abrindo as portas para as demais levas. Nesses processos, no dia 25 de maio de 1860, aportou, no Rio de Janeiro, o primeiro pastor batista em terras brasileiras. Tratava-se de Thomas Jefferson Bowen, missionário filiado à Mission Board da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Ele havia trabalhado na África e conhecia muito bem a língua iorubá, habilidade que muito facilitou o seu trabalho evangelístico na Bahia com os negros forros e escravizados (Souza, 1998, p. 104-111).

Contudo, sua passagem foi bastante abreviada, pois o medo que a polícia baiana possuía de uma nova revolta¹ envolvendo os escravos e forros islamizados levou-a a suspeitar do pastor batista, que chegou a ser preso. Diante dessas dificuldades, em 1861, Bowen resolveu voltar para a sua terra natal (Pereira, 1979, p. 88).

Mais tarde, um grupo protestante de imigrantes estadunidenses chegou ao Brasil após o fim da Guerra de Secessão (1861-1865) e estabeleceu-se em Santa Bárbara, município próximo a Campinas. No dia 10 de setembro de 1871, essa colônia organizou a primeira Igreja Batista no Brasil, em Santa Bárbara, na província de São Paulo. A igreja iniciou os seus trabalhos com 23 membros, tendo como pastor o colono Richard Ratcliff² (Gracino; França, 2012, p. 4).

Em 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia em Salvador. O trabalho batista floresceu naquela região por intermédio dos pioneiros missionários William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, que haviam passado pela igreja de Santa Bárbara para aprender a língua e os costumes locais. A eles se juntou outro casal de missionários, a saber: Zachary Clay Taylor e Kate Steven Crawford Taylor. Em 1884, o casal Bagby, miss Mary O'Roke e a senhora Williams foram para a capital do Império e organizaram a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (Gracino; França, 2012, p. 5-7).

No período do Brasil Império, embora houvesse certa tolerância com as demais religiões, em cumprimento ao Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação, estabelecido com a Inglaterra em 1810, a Constituição Federal de 1824 proibia a construção de templos religiosos por parte das denominações acatólicas (Brasil, 1824, artigo 5º).

Na cidade de São Paulo, os primeiros missionários da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos começaram a chegar a partir de maio de 1899. Eram eles os reverendos J. J. Taylor e J. L. Downing, com suas respectivas famílias (Ferreira, 2004, p. 28).

Os trabalhos evangelísticos iniciaram em uma loja na Rua Santa Efigênia, nº 90-A, como um “ponto de pregação” e progrediram de forma sólida e constante sob a direção de J. J. Taylor, que sabia administrar as situações difíceis de perseguição dos grupos católicos.

De acordo com Damy Ferreira (2004, p. 29), os batistas da cidade de São Paulo, em função do crescimento da igreja, mudaram de endereço diversas vezes:

1 Na Bahia oitocentista, ocorreram diversas revoltas escravas, tendo como ápice a “Revolta dos Malês” (1835), quando os negros islamizados utilizaram as suas habilidades de leitura e escrita no árabe para planejar e codificar os movimentos de rebelião. Após conter diversas revoltas, a polícia baiana passou a exercer um caráter extremamente vigilante (Reis, 2003).

2 Richard Ratcliff nasceu na Geórgia e foi ordenado pastor em 1860, na Igreja Batista Monte Líbano, estado de Louisiana. Em 1862, alistou-se como soldado para a Guerra Civil (Guerra de Secessão) e foi aprisionado pelo inimigo, solto apenas em 1866. Em 1867, Richard e sua família chegaram ao Brasil com o objetivo de estabelecer aqui um trabalho missionário (Oliveira, 2005).

Dentre estes, lembramos: em janeiro de 1900, Rua dos Guayanazes, 45; em 1905, um salão na Rua General Osório, 9A; em agosto do mesmo ano, Rua Timbiras, 37, onde ficou até 1910. Dali transferiu-se para a Travessa São João, 1, onde permaneceu até 1915. Em seguida, em caráter provisório, ocupou o Salão Nobre da Associação Cristã de Moços, na Pça. da República, onde ficou até 1916. Finalmente adquiriu um terreno no Largo dos Guayanazes, hoje Praça Princesa Isabel, onde inaugurou seu templo em 06 de julho de 1917.

Como pontuado por Damy Ferreira, a primeira Igreja Batista na cidade de São Paulo foi inaugurada em 1917, na Praça Princesa Isabel, cerca de 750 metros de distância da Estação da Luz, que, na ocasião, era o principal lugar para o embarque e desembarque de passageiros no acesso à linha férrea da São Paulo Railway Company (SPR).

A partir de então, diversas igrejas batistas foram plantadas na cidade de São Paulo, em Santos e na região do ABCD Paulista, além das que se espalharam por todo território nacional.

O PROBLEMA

O ABCD Paulista, antigamente chamado de ABC, é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo. A sigla originou-se, inicialmente, dos nomes das três cidades vizinhas: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano, que foram atribuídos pela influência do catolicismo presente na região (toponímia). Mais tarde, foi adicionado à sigla o município de Diadema, completando assim a sigla ABCD. Nesse conjunto de cidades industrializadas, também estão incorporados os municípios de Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, perfazendo um total de sete cidades.

Marcada historicamente por ser o primeiro centro automobilístico do Brasil, a região do ABCD Paulista é sede de diversas montadoras, como a Volkswagen, a General Motors e a Mercedes-Benz, e responsável por alavancar o PIB no estado de São Paulo por décadas. Em 2019, o PIB dos municípios do ABCD somou R\$ 130 bilhões e cresceu 1,7% em contraste com a economia nacional com 0,98% (Maskio, 2021).

Os processos de industrialização da região do ABCD Paulista, desde meados do século XX, atraíram diversos migrantes e imigrantes que buscavam melhor qualidade de vida. Por consequência, os processos migratórios culminaram no crescimento econômico e populacional dessa região. Nessa mesma esteira, *processaram-se* a inserção e o crescimento dos grupos protestantes/evangélicos, com a chegada das igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais.

De acordo com os dados censitários dos municípios catalogados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (ca. 2022), a região do ABCD Paulista possui 651.387 pessoas que se declaram evangélicas. Conforme matéria publicada pelo jornal *Diário do Grande ABC* em 9 de agosto de 2020, a igreja batista mais antiga da região é a Primeira Igreja Batista de Santo André, também chamada de “Conexão Primeira” (Kurotori, 2020). O trabalho evangelístico, iniciado por um casal da Igreja Batista do Brás, em São Paulo, foi organizado no dia 27 de julho de 1940, na Travessa Santo Amaro (casa do casal). Nessa década, foi realizada a construção do primeiro templo, na Rua Adolfo Bastos, e, ao final da década de 1970, a igreja instalou-se na Rua São Vicente, próxima à estação ferroviária e ao atual endereço (Conexão Primeira, 2022).

Mas seria mesmo esse o primeiro trabalho evangelístico dos batistas na região do ABCD Paulista? E essa seria a primeira Igreja Batista na região? Como e quando teriam iniciado os processos de inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista?

Considerando que são exíguos os documentos que tratam sobre a inserção do trabalho batista na região do ABCD Paulista e, por consequência, poucas produções bibliográficas sobre esse assunto, este artigo tem por objetivo apresentar o lugar e as primeiras sementes do protestantismo batista na região do ABCD Paulista, no início do século XX.

A METODOLOGIA E A JUSTIFICATIVA

Para o aprofundamento na historiografia da inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista, este artigo utilizou pesquisa documental: dissertações, trabalhos de conclusão de curso, livros e jornais da época, com ênfase nos registros anuais (anuários) da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.

A pesquisa justificou-se na exiguidade de produção acadêmica que aborde, de forma mais sistemática, a historiografia da inserção do protestantismo batista na região do ABCD Paulista. Os textos acadêmicos clássicos da historiografia da inserção e do desenvolvimento da Igreja Batista no Brasil apresentam uma visão macro e panorâmica, sem a preocupação de descrever as especificidades de cada componente histórico. Vejamos os principais trabalhos.

Asa Routh Crabtree (1962), em sua obra *História dos batistas do Brasil: até o ano de 1906*, apresenta a inserção e o desenvolvimento da Igreja Batista em diversos estados brasileiros: Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Amazonas, Piauí, Alagoas, Espírito Santo e São Paulo. Na descrição da inserção e do desenvolvimento da Igreja Batista na região do ABCD Paulista, Crabtree (1962, p. 292) gasta apenas 14 linhas.

Antônio Neves de Mesquita (1962), em sua obra *História dos batistas do Brasil: de 1907 até 1935*, descreve o desenvolvimento da Igreja Batista no Brasil em três momentos: 1. organização – de 1907 até 1909; 2. expansão – de 1910 até 1925; e 3. consolidação – de 1926 até 1935. Mesquita (1962, p. 95, 98, 223, 235) não se ocupa em pormenorizar o trabalho batista no Alto da Serra, apenas lista a “Igreja [Batista] do Alto da Serra” como uma igreja antiga.

Damy Ferreira (2004, p. 35, 60), em sua obra *Centenário da Convenção Batista do Estado de São Paulo*, apresenta algumas linhas sobre a inserção do trabalho batista no Alto da Serra, que se constitui numa compilação dos autores supracitados.

Betty Antunes de Oliveira (2005), em seu livro *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*, pontua o trabalho batista no Alto da Serra em duas ocasiões: na primeira, refere-se a um membro que saiu da Primeira Igreja Batista de São Paulo, em 1911, a fim de ajudar o trabalho com crianças e senhoras no Alto da Serra; e, na segunda, há a descrição de um presente oferecido pela “Sociedade do Alto da Serra” pela celebração do aniversário da Sociedade de Senhoras da Primeira Igreja Batista de São Paulo em 1911 (Oliveira, 2005).

O REFERENCIAL TEÓRICO

Como já mencionado anteriormente, são exíguas as informações concernentes às primeiras sementes do trabalho de evangelização dos batistas na região do ABCD Paulista. Contudo, o início do século XXI, palco de diversas transformações no campo da ciência e da tecnologia, ampliou a rede de informações digitais. E as chamadas “sociedades do conhecimento e da informação” passaram a beneficiar pessoas e instituições por intermédio da disponibilização, na rede de computadores (internet), de diversas informações e documentos de valor histórico³ (Almada; Santos, 2004).

Nesse propósito e nessa missão, organizou-se a Southern Baptist Historical Library & Archives, com o objetivo de constituir-se como centro mundial de estudo da história dos batistas. Os documentos históricos que originaram esse acervo digital estão catalogados desde 1938 no Southern Baptist Theological Seminary, no Tennessee. A partir de janeiro de 1985, foram levados para a Southern Baptist Convention Building, que ocupa mais de dez mil metros quadrados de espaço, em Nashville (Southern Baptist Historical Library & Archives, 2022). Em meio a esse vasto acervo, estão digitalizados os “anúários”, registros

3 A ciência e as tecnologias digitais colocaram as bibliotecas na chamada “Era 4 – digital e virtual” em que a biblioteca não precisa existir fisicamente e pode se apresentar apenas de forma *on-line* (Almada; Santos, 2004, p. 5).

históricos da expansão missionária da Igreja Batista em diversas partes do mundo (de 1845 até 2021). Esses registros constituem-se em nossa principal fonte de pesquisa sobre a inserção do trabalho batista na região do ABCD Paulista.

Faz-se mister pontuar que os “anúários” foram elaborados pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos a partir da compilação dos relatórios enviados por seus missionários em campo, contudo os anúários se revestem de um caráter impessoal, pois não identificam nominalmente os autores dos registros e das estatísticas históricas (missionários em campo), e se referem, obviamente, ao exercício eclesiástico do ano anterior.

AS PRIMEIRAS SEMENTES DO PROTESTANTISMO BATISTA

A Vila do Alto da Serra

O estado de São Paulo passou por céleres transformações econômicas e sociais entre o final do século XIX e início do XX. O desenvolvimento econômico deu-se por intermédio de um salto exponencial na produção brasileira do café, com o aumento de 3,7 milhões de sacas em 1880-1881 para 5,5 milhões em 1890-1891, alcançando em 1901-1902 o total de 16,3 milhões (Furtado, 2007, p. 251).

O escoamento dessas *commodities*, de várias partes do estado de São Paulo para o Porto de Santos, foi viabilizado pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, construída na década de 1860. Irineu Evangelista de Sousa, mais conhecido como Barão de Mauá, ao viajar pela primeira vez para a Inglaterra conheceu a recém-inaugurada estação de Lime Street e ficou impressionado com a nova ferrovia que ligava essa estação à Liverpool Road (Mills, 2013, p. 32-33). Pouco tempo depois, o Barão de Mauá conseguiu obter do governo imperial o aval para a construção da ferrovia em São Paulo (Benchimol, 2005, p. 130).

Para a implantação da estrada férrea de Santos a Jundiaí, foi celebrado um acordo com James Brunlees, engenheiro inglês. Na época, os ingleses eram os mais entusiastas e experientes nas tecnologias utilizadas pela engenharia mecânica (Freyre, 2000, p. 62). Dessa forma, estabeleceu-se a concessão por 90 anos, e, para tanto, criou-se a SPR. Contudo, diante dos grandes desafios impostos pela topografia da Serra do Mar, Brunlees resolveu enviar ao Brasil um experiente engenheiro, Daniel Mackinson Fox, que havia construído uma ferrovia de bitola curta num imponente desfiladeiro localizado na região de Gales (Mills, 2013, p. 33-34).

A Vila do Alto da Serra começou a ser edificada na década de 1860, como parte integrante do projeto de construção da linha férrea Santos-Jundiaí em

São Paulo. Ela concentrou a mão de obra necessária para a construção do sistema funicular, que foi edificado em patamares, a fim de vencer um declive de 800 metros que separava a vila (Alto da Serra) da Baixada Santista (Cruz, 2007, p. 71-72).

Em 1867, foi inaugurado na SPR o trecho completo de Santos a Jundiá, e, no Alto da Serra, havia um vilarejo denominado Vila Velha. De acordo com Cruz (2007, p. 78-81), a implantação de Vila Velha deu-se em dois momentos distintos: no início da construção da estrada férrea Santos-Jundiá; e, em 1930, num momento de expansão da vila após a duplicação da linha, quando foram construídas novas casas geminadas.

De forma concomitante à formação de Vila Velha, numa topografia em alto declive, surgiu a chamada “Parte Alta”. Trata-se de um aglomerado urbano, do lado oposto do pátio ferroviário, com ocupação marcada pela herança portuguesa. Nela funcionaram diversos estabelecimentos comerciais, como: dentistas, alfaiates, sapateiros, barbeiros, armazéns de secos e molhados, farmácia, hotéis e pensões para transeuntes (Cruz, 2007, p. 108-111). Em 1889, foi fundada a “Irmandade do Senhor Bom Jesus”, com a construção de uma capela, dividindo assim a cidade em duas partes distintas: de um lado, os ingleses protestantes e, de outro, os portugueses (Cruz, 2007, p. 114).

A terceira parte que compõe o Alto da Serra foi chamada de Vila Nova ou Martin Smith. Ela foi erguida com casas em estilo inglês, de madeira e telhados e ardósia, para servir de moradia aos trabalhadores da SPR.

A pequena joia no Alto da Serra

A Vila do Alto da Serra, na primeira metade do século XX, era “o coração e o motor propulsor do complexo ferroviário” (Ferreira; Passarelli; Santos, 1990, p. 83-84). As transformações políticas e sociais trazidas pela SPR, impulsionadas pelo ferro e carvão, colocaram a cidade de São Paulo nos trilhos da sociedade industrial. O fenômeno, baseado na organização científica do trabalho, que proporcionou o aumento exponencial da superprodução, veio de mãos dadas com a “modernidade”.

Dessa forma, a posição logística da Vila do Alto da Serra e o alto grau de tecnologia utilizado pelos ingleses colocaram a vila na vanguarda das “novidades” que pululavam na Europa. A Estação Ferroviária do Alto da Serra recebeu iluminação à luz elétrica em 1900, cinco anos antes da cidade de São Paulo (“São Paulo Railway Company”, 1900, p. 1). Em Vila Velha, construiu-se o Hospital Alto da Serra, um dos sistemas de saúde mais avançados da época (Cruz, 2007, p. 167). Em 1903, foi fundada a Recreativa Lyra da Serra, o primeiro clube ferroviário eminentemente brasileiro (Mills, 2013, p. 126). E o Alto da Serra foi o

primeiro lugar de projeção cinematográfica do estado de São Paulo, em 1903, no salão de festas do Clube União Lyra (Medici, 2022).

Na esteira da modernidade, também chegou ao Alto da Serra o protestantismo,⁴ pois muitos funcionários ingleses da SPR eram protestantes. Presume-se que esses protestantes se reuniam, ao final do século XIX, num salão localizado na Rua da Estação, nº 400 (Secco; Silva; Nagase, 2017).

Contudo, foi a partir de 1903 que os batistas iniciaram os trabalhos evangelísticos na vila por intermédio de Berto Germano, membro da Igreja Batista de Santos que morava no Alto da Serra. O evangelista contou com o auxílio de outros irmãos e missionários, e, rapidamente, estabeleceu-se um grupo de protestantes no local (Crabtree, 1962, p. 292).

Ao final desse ano, todo o material para declarar a igreja organizada estava pronto, aguardando somente a “palavra da instituição”.⁵ Aos primeiros dias de 1904, a Igreja Batista do Alto da Serra estava organizada⁶ e passou a reunir-se numa “esplêndida casa”⁷ concedida pelo superintendente da SPR, a saber, Sr. Christiano.

O trabalho era mantido pelos membros da igreja e pela missão: “a igrejazinha de dez novos convertidos se propõe a pagar as despesas de viagem de um pregador, dois domingos por mês, enquanto a missão pagará os outros dois” (Southern Baptist Convention, 1905, p. 86). A igreja era composta quase que inteiramente por ferroviários e autoridades do alto escalão da SPR (Southern Baptist Convention, 1911, p. 109-110).

O jornal *Correio Paulistano* do dia 5 de julho de 1904, por intermédio da manchete “Culto protestante”, apresentou o seguinte registro: “As reuniões religiosas, ultimamente dirigidas no Alto da Serra pelo rev. J. J. Taylor, assistiram cerca de 160 pessoas”.

Os registros dos anuários de 1905 e 1911, somados à matéria jornalística do *Correio Paulistano* de 5 de julho de 1904, ajudam-nos a traçar o perfil da Igreja

4 De acordo com Valdinei Ferreira (2010, p. 201), “o protestantismo beneficiou-se, para a sua implantação no Brasil no século XIX, de sua associação positiva com a modernidade”.

5 Não sabemos, por ora, a que “instituição” se refere o “anuário de 1905”. Pode referir-se à Missão Batista no Sul dos Estados Unidos ou ainda à diretoria da SPR, que, talvez, estivesse deliberando sobre a concessão de um lugar para abrigar a nova igreja.

6 Em diversas referências de Crabtree (1962, p. 293) e Mesquita (1962, p. 95, 98, 233, 235), o grupo batista do Alto da Serra é reconhecido como “Igreja Batista do Alto da Serra”. Isso não significa que havia um templo de propriedade própria ou que a membresia era constituída em pessoa jurídica. Contudo, na época, para a Missão Batista do Sul dos Estados Unidos, uma igreja era reconhecida pelo simples fato de uma membresia congregar num determinado endereço e ser assistida por pastores.

7 Não se sabe, com precisão, onde se localizava a casa fornecida pela SPR para a instalação da Igreja Batista em 1904; alguns dos antigos moradores da vila afirmam que a igreja se localizava na Parte Alta, num antigo casarão que já foi demolido. Considerando que a Parte Alta não estava sob a jurisdição da SPR, talvez o imóvel utilizado tenha sido a “Capela Anglicana” (Secco, 2010), onde os presbiterianos, a partir de 1933, iniciaram a Igreja Presbiteriana do Alto da Serra. Para que essa questão possa ser resolvida de forma mais assertiva, será necessário realizar outras pesquisas a partir dos documentos da SPR.

Batista do Alto da Serra: uma igreja composta, em sua maioria, de funcionários da SPR; inaugurada com a adesão de dez novos membros; com uma frequência bastante expressiva; e, assistida, parcialmente, pelo reverendo J. J. Taylor – que, na ocasião, estava bastante engajado com a plantação da primeira Igreja Batista na cidade de São Paulo.

O registro histórico do anuário de 1906 é bastante abreviado, porém apresenta três importantes características daquela igreja nos âmbitos espiritual, social e econômico:

A Igreja do Alto da Serra é uma pequena joia. Em meio à grande oposição e ao ódio, ela se manteve firme e agora deve colher parte da recompensa de sua fidelidade. Várias [pessoas] serão batizadas daqui a três dias. A igreja arca com as despesas de viagem [dos pregadores] para que possam pregar quatro vezes por mês, [bem como] com as suas despesas de hospedagem (Southern Baptist Convention, 1906, p. 91).

No *âmbito espiritual*, a igreja foi carinhosamente chamada de “uma pequena joia no Alto da Serra”, evidenciando a sua firmeza (encravada na serra) diante da oposição do catolicismo e o testemunho à comunidade não protestante (o brilho de Cristo). No *aspecto social*, ela se destacou por sua operosidade, pois vários batismos foram realizados em poucos dias após a lavra do relatório anual. E, no *aspecto econômico*, a igreja passou a assumir, sozinha, os custos integrais das viagens e hospedagens dos seus pregadores. Um pequeno relatório evidencia os grandes avanços daquela comunidade batista.

O próximo relatório da Igreja Batista do Alto da Serra irá aparecer somente em 1909. Durante três anos, os anuários ficaram silentes sobre o trabalho batista realizado na vila (1906-1908). Provavelmente, com a expansão da Igreja Batista na cidade de São Paulo, em Jundiá e em Santos, a ênfase dos relatórios missionários recaiu sobre esses promissores campos, e a Vila do Alto da Serra começou a ficar minorada diante das potencialidades evangelísticas das grandes cidades no entorno: “Alto da Serra é uma pequena cidade próspera com cerca de duas ou três mil pessoas. Nossa igreja lá tem alguma vida, batizou duas pessoas durante o ano e alguns outros parecem quase prontos para o batismo” (Southern Baptist Convention, 1909, p. 114).

No ano de 1909, a Igreja Batista do Alto da Serra ganhou um reforço com o missionário A. L. Dustan, oriundo do Southern Seminary e que, por alguns anos, havia trabalhado em Nova Friburgo⁸. De acordo com o anuário de 1910, a Igreja Batista do Alto da Serra estava realizando um bom trabalho desde a

8 A Primeira Igreja Batista de Nova Friburgo foi organizada em 21 de outubro de 1911.

chegada de Dustan, pois duas pessoas foram batizadas durante o ano e houve um aumento considerável nas contribuições. Dustan planejou construir uma igreja boa e forte na vila (Southern Baptist Convention, 1910, p. 137).

Em 1910, a Igreja Batista do Alto da Serra recebeu três membros, e, numa dinâmica arrojada do missionário Dustan e com apoio de muitas pessoas da vila, foi contratada uma jovem para abrir uma escola, pois “a igreja há muito sentia a necessidade de uma escola para os filhos dos membros” (Southern Baptist Convention, 1911, p. 109-110). De acordo com o anuário de 1911, o primeiro período escolar terminou com muito sucesso, porém não houve o registro do nome da jovem contratada.

Somente em 1915 chegou ao Alto da Serra a missionária Genoveva Voorheis, que, oriunda do Tennessee, em 1906 havia auxiliado o pastor D. L. Hamilton em suas tarefas no Colégio e na Escola Bíblica da Igreja Batista na Bahia (Crabtree, 1962, p. 245-246). Em 1907, ela deslocou-se para o Piauí (cidade de Corrente) para abrir uma escola evangélica (Southern Baptist Convention, 1908, p. 99) e, em 1908, atuou como professora do departamento primário de uma escola em Pernambuco (Southern Baptist Convention, 1909, p. 89, 91, 94-95).

No ano de 1912, houve outra reestruturação na divisão dos campos, e a Igreja Batista do Alto da Serra passou à responsabilidade do casal Bagby⁹, até então responsável pela Igreja Batista de Santos:

No início do ano, fizemos uma nova divisão do nosso campo, dividindo-o em três setores, a saber: o campo Santos e Alto da Serra, com a escola em São Paulo, dirigida pelo Dr. e pela Dona Bagby; a Igreja Matriz de São Paulo e a obra no interior ao longo das Estradas de Ferro Inglesa e Paulista, dirigidas pelo Irmão Deter; e a Segunda Igreja de São Paulo e o interior ao longo da Ferrovia Central foram entregues ao irmão Edwards. Essa provou ser uma divisão inteligente do trabalho e funcionou bem (Southern Baptist Convention, 1913, p. 124-125).

Nesse período, a Igreja Batista do Alto da Serra enfrentou grandes adversidades, porém obteve alguns progressos.

No período de 1913 até 1915, existe um vácuo nos relatórios anuais da Igreja Batista do Alto da Serra, mas é possível acompanhar algumas notícias do trabalho pelas publicações no jornal *Correio Paulistano*, como segue:

Igreja do Alto da Serra – A esta estação vai todos os domingos, dessa capital, um evangelista ou um pastor para dirigir os trabalhos que se acham sob a direção da Missão Batista. Funciona ali uma excelente

⁹ Em 1903 Bagby organizou, com seis membros de outras igrejas batistas, a atual Primeira Igreja Batista de Santos (Gracino; França, 2012, p. 5, 13).

Escola Dominical, dirigida pela professora norte-americana Genoveva Voorheis, todos os domingos e quintas-feiras às 19h30 para evangelização. Exige-se o máximo respeito e cortesia em todas as igrejas e em todos os seus trabalhos. Qualquer infrator desta ordem será convidado a retirar-se (*Correio Paulistano*, 1915, p. 6).

No anuário de 1917, há uma triste referência ao trabalho realizado pela Igreja Batista do Alto da Serra: “Esta pequena e fraca igreja não fez nenhum progresso durante o ano, embora fosse capaz de manter uma boa escola dominical, sob os esforços incansáveis da Srta. Voorheis” (Southern Baptist Convention, 1917, p. 168).

Apesar do relatório desfavorável, as notícias do jornal *Correio Paulistano* comprovam que o trabalho batista permanecia ativo:

Alto da Serra – Seguirá para essa estação a fim de celebrar a Ceia do Senhor e pregar às 11 horas e às 19h30 o pastor João Baptista Junior (*Correio Paulistano*, 1916a, p. 6).

Alto da Serra – Seguirá para dirigir os trabalhos dominicais nessa estação o evangelista Armando Pinto de Oliveira (*Correio Paulistano*, 1916b, p. 5).

Os documentos jornalísticos de 1915 e 1916 corroboram que a Igreja Batista do Alto da Serra estava sob a direção da Missão Batista e possuía a seguinte agenda semanal: Escola Dominical e Cultos Dominicais às 11h00 e às 19h30; e reuniões de evangelização às 19h30, todas as quintas-feiras. Outro ponto de destaque está no “respeito” ao culto protestante, pois no sistema republicano, inaugurado pela Constituição Federal de 1891, a Igreja Católica perdera a sua primazia estatal.

A última alusão referente à Igreja Batista do Alto da Serra ocorreu no anuário de 1919, depois da organização da Primeira Igreja Batista de São Paulo. O relatório não é explícito, ou seja, não apresenta um tópico específico sob o título “Alto da Serra”, como nos anuários anteriores aqui mencionados. Mas o tópico “Santos” (referente ao trabalho batista realizado naquele município) deixa claro que o grupo de crentes do Alto da Serra passou à jurisdição da Igreja Batista de Santos, tornando-se um “ponto de pregação”:

SANTOS: [...] A igreja está contribuindo com o apoio de um pastor auxiliar e faz planos para a aquisição de um terreno adequado para construção no centro da cidade de Santos. Isso incluirá o atual salão em que se reúne a congregação da Igreja de Santos. A igreja tem dois pontos de pregação regulares: um na cidade e outro em uma estação na ferrovia (Southern Baptist Convention, 1919, p. 232-233).

O ponto de pregação “em uma estação na ferrovia” refere-se à antiga Igreja Batista do Alto da Serra, que, a partir de então, deixa de tabular os seus registros históricos nos anuários seguintes.

Em contato com a Primeira Igreja Batista de Santos, no ano de 2021, a secretária e conhecedora da história da igreja, até aquele momento, desconhecia algum lastro histórico entre a Igreja Batista de Santos e a Igreja Batista no Alto da Serra.

Em 16 de setembro de 1933, a Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo (s. d., ata 40, p. 81-82), ciente de “um grupo de crentes interessados” em trabalhos de cultos regulares, assumiu a direção de um trabalho evangelístico situado na Rua da Estação, nº 400 – dando origem assim à Congregação Presbiteriana do Alto da Serra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vila do Alto da Serra, atualmente chamada de Vila de Paranapiacaba, tombada recentemente pelas instâncias municipal, estadual e federal, abriga, em sua história, manifestações do protestantismo nos períodos monárquico e republicano. Por se tratar de um espaço de modernidades (na implantação da linha férrea Santos-Jundiaí pela SPR), tornou-se um lugar bastante propício para as primeiras sementes do protestantismo.

A inserção do protestantismo batista nos primeiros anos do século XX, na Vila do Alto da Serra, ainda que malograda pelas retrações econômica, social e de mão de obra na vila, não deve ser esquecida, pois o entusiasmo, a paixão pela pregação às multidões (160 pessoas pelo reverendo J. J. Taylor), o desejo da implantação de uma escola protestante, os trabalhos regulares de culto, a escola dominical e o estudo bíblico caracterizam a pequena joia do Alto da Serra como: as primeiras sementes do protestantismo batista na região do ABCD. Talvez, dependendo da definição adotada pelo termo “igreja”, a Primeira Igreja Batista no ABCD Paulista.

A little gem in Alto da Serra: the first seeds of Baptist protestantism in the ABCD Paulista region

ABSTRACT

The ABC Baptist Convention currently has about 107 associated churches. Faced with this reality, the question arises: “How and when did the processes of insertion

of Baptist Protestantism in the ABCD Paulista region begin?”. The present essay aimed to present Vila do Alto da Serra as the first place of insertion of Baptist Protestantism in the ABCD Paulista region at the beginning of the 20th century. For that, he used documentary research: theses, dissertations, course completion work, books, newspapers of the time and consultations with the yearbooks of the Southern Baptist Convention in the USA. As a result, it was found the beginning of the insertion of Baptist Protestantism in the ABCD Paulista region, in the railway village of Alto da Serra.

KEYWORDS

Baptist protestantism. Alto da Serra. Little gem.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, M.; SANTOS, R. B. dos. As bibliotecas digitais como meio de universalização da informação no sistema de bibliotecas universitárias. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 13., 2004, Natal. *Anais [...]*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. p. 1-12. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais_anterior/13snbu/Com_Oral/Red_Rec_Inf/A%20web%20e%20os%20Acervos%20Dig/Magda%20Almada%20-%20As%20bibliotecas%20digitais.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BENCHIMOL, J. L. O. *Adolpho Lutz: febre amarela, malária e protozoologia*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. v. 4.
- BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil de (25 de março de 1824)*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 15 fev. 2021
- CONEXÃO PRIMEIRA. Quem somos. Santo André, 2022. Disponível em: <https://www.conexao-primeira.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 21 nov. 1915.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 23 jan. 1916a.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 6 fev. 1916b.
- CRABTREE, A. R. *História dos batistas do Brasil: até o ano de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. v. 1.
- CRUZ, T. F. dos. *S. Paranapiacaba: a arquitetura e o urbanismo de uma vila ferroviária*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.18.2007.tde-10122007-090438>.
- CULTO protestante. *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 jul. 1904.
- FERREIRA, D. *Centenário da Convenção Batista do Estado de São Paulo*. São Paulo: Cbesp, 2004.
- FERREIRA, J.; PASSARELLI, S. H.; SANTOS, M. A. P. *Paranapiacaba: estudos e memória*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1990.

FERREIRA, V. *Protestantismo e modernidade no Brasil: da utopia à nostalgia*. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

FREYRE, G. *Inglêses no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRACINO, M. de L.; FRANÇA, C. S. Um grão de mostarda: a inserção batista, da chegada ao Brasil até Santos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 6., 2012, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: Universidade Norte do Paraná, 2012. 1 CD-ROM.

IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DE SÃO PAULO. Livro de atas da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. São Paulo: Conselho da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, [s. d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e estados do Brasil. Brasília: IBGE, ca. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2022.

KUROTORI, F. Primeira Igreja Batista da região faz 80 anos. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 2020. Setecidades. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3517610/primeira-igreja-batista-da-regiao-faz-80-anos>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MASKIO, S. R. A retração decenal da economia do Grande ABC. *Diário do Grande ABC*, 2021. Desvendando a economia. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3823259/a-retracao-decenal-da-economia-do-grande-abc>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MEDICI, A. Sessões de cinema em Paranapiacaba. Nasce o Carlos Gomes em Santo André. Músicos sob a tela davam vida aos filmes mudos. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 2022. Setecidades. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3849930/sessoes-de-cinema-em-paranapiacaba-nasce-o-carlos-gomes-em-santo-andre-musicos-sob-a-tela-davam-vida-aos-filmes-mudos>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MESQUITA, A. N. *História dos batistas do Brasil: de 1907 até 1935*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. v. 2.

MILLS, J. R. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books (iBooks), 2013.

OLIVEIRA, B. A. de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.

PEREIRA, J. R. *Breve história dos batistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

REIS, J. J. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, B. *Protestantismo no Brasil monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

SÃO PAULO Railway Company. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1900. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_09&pagfis=284. Acesso em: 15 abr. 2022.

SECCO, G. Igreja anglicana de Paranapiacaba. *Vitruvius*, 4 out. 2010. Arquiteturismo. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/04.044/3618>. Acesso em: 10/01.

SECCO, G. R.; SILVA, A. L. A. da.; NAGASE, L. L. Iglesia anglicana de Paranapiacaba. In: CONGRESSO NACIONAL, 10., CONGRESSO INTERNACIONAL HISPANOAMERICANO DE HISTORIA DE LA CONSTRUCCIÓN, 2., 2017, Universidad del País Vasco, San Sebastián. *Actas [...]*. Madrid: Instituto Juan de Herrera, 2017. v. 3, p. 1419-1427. Disponível em: <http://www.sedhc.es/biblioteca/actas/Rodriguez%20Secco.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 60., 1905, Kansas. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1905. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1905.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 61., 1906, Alabama. *Proceedings* [...]. [S. l.: s. n.], 1906. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/aaa/acbsc/acbsc_1906.pdf. Acesso em: 24 mar. 2023.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 63., 1908, Hot Springs. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1908. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1908.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 64., 1909, Louisville. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1909. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1909.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 65., 1910, Baltimore. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1910. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1910.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 66., 1911, Jacksonville. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1911. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1911.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 68., 1913, Saint Louis. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1913. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1913.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 72., 1917, New Orleans. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1917. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1917.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 74., 1919, Atlanta. *Proceedings* [...]. Nashville: Marshall & Bruce Company, 1919. Disponível em: http://media2.sbhla.org.s3.amazonaws.com/annuals/SBC_Annual_1919.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUTHERN BAPTIST HISTORICAL LIBRARY & ARCHIVES. Information, purpose and mission. Nashville, 2022. Disponível em: <https://sbhla.org/information/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SOUZA, A. L. de. *A black heart: the work of Thomas Jefferson Bowen among blacks in Africa and in Brazil between 1840 and 1875*. 1998. Dissertation (Master's degree in Theology) – University of Natal Pietermaritzburg, Pietermaritzburg, 1998. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewi744uV75H3AhUauJUCHfahCxQQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Fresearchspace.ukzn.ac.za%2Fhandle%2F10413%2F5710&usg=AOvVaw1GiZHWobHZKRGJY1X9Ela>. Acesso em: 15 abr. 2022.